

**A HERANÇA DE VÔ VICÊNCIO: ESCRAVIZAÇÃO, MEMÓRIA E  
(DES)CONSTRUÇÃO DO “EU” EM UM *BILDUNGSROMAN*  
NEGRO-BRASILEIRO**

**VÔ VICÊNCIO’S HERITAGE: ENSLAVEMENT, MEMORY AND “SELF”  
DECONSTRUCTION ON A BLACK-BRAZILIAN *BILDUNGSROMAN***

Anélia Montechiari Pietrani<sup>1</sup>  
Agda Beatriz de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO**

Partindo das reflexões de Maas (2001) e Mazzari (2018) acerca do romance de formação, bem como de Duarte (2006), que compreende a obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, como um *Bildungsroman* afro-brasileiro, este trabalho pretende analisar a trajetória da protagonista Ponciá, sublinhando fatores ligados à diáspora africana na realidade étnico-racial da população negra brasileira: a violência colonial, o trauma geracional e o processo de desconstrução do “eu”. Ademais, pretende destacar o conceito de *escrevivência*, cunhado por Evaristo, no que diz respeito à representação socioeconômica e identitária vivenciada pelos cidadãos negros e marginalizados através de outras personagens que atravessam a trama.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo, *bildungsroman* negro-brasileiro, escrevivência, trauma colonial.

**ABSTRACT**

Based on the reflections of Maas (2001) and Mazzari (2018) regarding the formation novel genre, as well as of Duarte (2006), who categorized *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, as an Afro-Brazilian *Bildungsroman*, this work intends to analyze the trajectory of the protagonist Ponciá, highlighting aspects concerned to African diaspora when they come to the ethnic-racial reality of black Brazilian people: colonial violence, generational trauma, and the process of deconstruction of subjectivity. It also emphasizes Evaristos’ concept of *escrevivência* (life-writing) due to the representation of marginalized black citizens’ social economic context through other characters that compose the plot.

**Keywords:** Conceição Evaristo, black-brazilian *bildungsroman*, life-writing, colonial trauma

---

<sup>1</sup> Professora Associada de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV-UFRJ). E-mail: [aneliapietrani@letras.ufrj.br](mailto:aneliapietrani@letras.ufrj.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1581029421985700> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9907-8016>

<sup>2</sup> Mestranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [agda891@gmail.com](mailto:agda891@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3958414851422611> Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3350-0447>

## Considerações iniciais

Publicado originalmente em 2003, *Ponciá Vicêncio* é o primeiro romance de Conceição Evaristo e tem estimulado a produção de debates dentro e fora do meio acadêmico, especialmente no que tange ao estudo da literatura negra e contemporânea. De antemão, precisamos sublinhar a articulação entre *contemporâneo* e *contemporaneidade*, uma vez que os termos não apenas se referem a um mero recorte temporal, mas a um conjunto de características reconhecíveis na literatura produzida em nosso tempo. Acerca da questão, é pertinente a reflexão de Karl Erik Schøllhammer (2009) ao retomar, em *Ficção brasileira contemporânea*, a definição de Giorgio Agamben (2009):

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. [...] Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 9-10).

Essa contradição em relação ao presente é aspecto basilar da literatura brasileira contemporânea e, de maneira mais estrita, observável na literatura negro-brasileira<sup>3</sup> — para utilizarmos o termo empregado por Cuti (2010). Nesse sentido, é relevante lembrar que todo o trabalho de Conceição Evaristo, desde “romances, poemas, contos e também ensaios, é profundamente marcado pela condição de mulher negra” (EVARISTO, 2017b). A partir do que Evaristo chama de *escrevivências*, que Assis Duarte define por “uma atitude [...] que coloca a experiência como motivo e motor da produção literária” (2020, p. 10), encontramos uma escrita que se articula com o testemunho do apartamento social da população negra e periférica.

De acordo com a própria escritora, o termo foi criado em 1994, ano da realização de sua pesquisa de mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-RJ), ao

---

<sup>3</sup> Para Cuti (2010), a literatura negro-brasileira é constituída de obras de escritores negros comprometidos com uma produção literária que reporta, denuncia e valoriza a experiência negra no país. Sob o guarda-chuva da literatura negro-brasileira, estão autores como Carlos de Assumpção, Solano Trindade, Conceição Evaristo, Miriam Alves, entre outros.

estabelecer um jogo entre as palavras “escrever”, “viver”, “se ver”. A *escrevivência* faria um “caminho inverso” às histórias contadas pelas mulheres escravizadas para o entretenimento da “casa-grande”, fundamentando-se na “autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita” (EVARISTO, 2020). Nesses termos, marca um processo de apropriação da escrita como insubordinação à figura do colonizador e ao seu discurso.

A autora de *Ponciá Vicêncio* nasceu em 1946, no Morro do Pindura Saia, favela localizada em Belo Horizonte. É mulher negra e oriunda de família pobre. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de setenta e, para que pudesse conciliar os estudos com o sustento da casa, vivia jornada dupla como estudante e empregada doméstica. Aliás, não são raros os casos em que suas personagens espelham a realidade de mulheres negras relegadas a subempregos, quase sempre direcionados às funções do cuidado e da manutenção de lares alheios, muitas vezes ainda antes da chegada da adolescência.<sup>4</sup>

Evaristo traz das favelas, becos e barracos, por meio da escrita, a voz do segmento negro marginalizado. O conceito cunhado pela própria autora no neologismo que reúne as palavras *escrita* e *vivência* define com precisão seu projeto político-literário. Assim, ganha destaque como matéria autoral a realidade econômica, psicológica e social, na medida em que ela se reporta à experiência de cidadãos negros brasileiros após os eventos que abrem a diáspora negra no Brasil.

Neste artigo, ao tratarmos de situações vivenciadas pelos sujeitos contemporâneos, destacaremos a trajetória do sujeito negro inserido na realidade marcada pelo racismo, pelos processos de marginalização e pelo trauma coletivo das constantes violências estruturais. Nas seções seguintes, faremos uma breve, porém necessária, reflexão a respeito dos aspectos formais do *Bildungsroman* e, para tal, nos valeremos de algumas proposições de Maas (2001) e Mazzari (2018). Em seguida, destacaremos as características que constituem *Ponciá Vicêncio* como um *Bildungsroman afro-brasileiro*, conforme proposto por Duarte (2006), ou *negro-brasileiro*, utilizando o termo sugerido por Cuti (2010). Logo após identificarmos a articulação de tais características no romance, faremos uma leitura da personagem Ponciá Vicêncio “penetrando no ‘apartar-se de si mesma’ [...], consequência de grandes

---

<sup>4</sup> “Em uma pesquisa recentemente realizada com mulheres negras de baixa renda (1983), constatou-se que poucas eram as entrevistadas que haviam começado a trabalhar na idade adulta. A grande maioria começou por volta dos oito ou nove anos de idade ‘nas casas de família’ (isto é, como empregadas domésticas), especialmente no caso das filhas mais velhas” (GONZÁLEZ, 2020, p. 143, grifo da autora).

abalos emocionais, de profundas ausências e vazios, mas também como resultado de fatores sociais” (BARBOSA, 2017, p. 113), no processo de construção das identidades negras. Pretendemos dar maior enfoque analítico a Ponciá, porém passando ainda por outras personagens do romance, tais como Maria Vicêncio, Vô Vicêncio e o pai de Ponciá, figuras-chave na trajetória da protagonista.

### **O *Bildungsroman* negro-brasileiro**

Ao falarmos de *Bildungsroman*, ou romance de formação, atemo-nos a um *tipo* específico de narrativa cujo enredo apresenta como ponto central o processo de *formação* de um personagem, sua constituição psicológica, física, moral, social etc. O termo foi utilizado pela primeira vez por Karl Morgenstern em 1810, na ocasião em que o filólogo alemão proferia a conferência “Sobre o espírito e a relação de uma série de romances filosóficos” (MAZZARI, 2018, p. 13). Segundo Maas (2001),

*Bildung* e *Roman* são dois termos que entraram para o vocabulário acadêmico na segunda metade do século XVIII. A formação do jovem de família burguesa, seu desejo de aperfeiçoamento como indivíduo, mas também como classe, coincidem historicamente com a “cidadania” do gênero romance (MAAS, 2001, p. 13).

Antes da atribuição do romance aqui tratado à categoria do *Bildungsroman*, faz-se necessária uma breve reflexão acerca dos elementos que caracterizam o “gênero”, que tem sua origem datada na Alemanha do século XIX. Em *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*, Wilma Maas (2001) apresenta reflexões relevantes acerca do surgimento do termo a partir da análise de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe. Para a estudiosa, trata-se de:

um fenômeno de natureza histórica/literária, cujas origens se confundem em meio à própria “história do espírito alemão”. O excesso de subjetivismo, o caráter reconhecidamente apolítico da incipiente classe média alemã, bem como o desejo burguês por uma formação universal e pelo equilíbrio entre a subjetividade e a coletividade formam o núcleo de circunstâncias que serão consideradas pela historiografia como a origem do *Bildungsroman* (MAAS, 2001, p. 53).

Em suma, é possível dizer que o *Bildungsroman* se estabelece como uma “instituição social-literária” (MAAS, 2001, p. 25) vinculada a uma formação

“universal” que tem por base as aspirações da classe burguesa alemã na passagem do feudalismo aristocrático para o Estado burguês. Portanto, o gênero está ligado a um momento específico da história do Ocidente. De maneira complementar à discussão, no artigo “*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister: ‘um magnífico arco-íris’ na história do romance*”, ao analisar uma das cartas em que o personagem Wilhelm expõe os seus ideais, Mazzari (2018) compreende-a não apenas como um “manifesto programático do romance de formação”, mas também aponta, a partir da leitura da carta, como são formulados os “motivos fundamentais do Gênero”, que são:

Autonomia (formar-se a si mesmo), Totalidade (formação plena) e, por fim, no último parágrafo reproduzido, Harmonia (a “inclinação irresistível” por formação harmônica). A expansão plena e harmoniosa das potencialidades do herói (artísticas, intelectuais e também físicas), a realização efetiva de sua totalidade humana é projetada no futuro e sua existência apresenta-se como um “estar a caminho” rumo a uma maestria de vida que Goethe, no entanto, representa menos como meta a ser efetivamente alcançada do que como direção a ser seguida (MAZZARI, 2018, p. 22, grifos do autor).

Como podemos observar, a formação do indivíduo possui características bastante peculiares, uma vez que aqui estamos tratando não apenas de um momento histórico específico, mas de uma juventude cujas aspirações sublinham certo recorte de classe, gênero e raça. A trajetória formativa de Wilhelm prevê as inquietações políticas, morais e sociais de uma classe em ascensão, diferente daquela relatada nas páginas de *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Maas (2001) também sublinha a passagem do estudo da literatura sob a ótica dos modelos canônicos para uma perspectiva que privilegia o entendimento da obra conforme as transformações sociais. Portanto, após a década de 1980, o termo passará a ser problematizado, ao se estabelecer uma crítica em relação a suas origens:

Ao mesmo tempo que consideram o *Bildungsroman* como um fenômeno extremamente datado em suas origens, as definições nas enciclopédias literárias apontam também uma linhagem de obras que ultrapassa as condições limitadas dessa mesma origem, indicando um processo de expansão do gênero em direção às fronteiras nacionais e temporais (MAAS, 2001, p. 53).

Maas (2001) argumentará ainda que um “gênero” tão marcado ideologicamente pode ser assimilado por uma tradição literária estrangeira, mais jovem e marginal em

relação ao eixo eurocêntrico” (MAAS, 2001, p. 25, grifo da autora). Assim, a categoria *Bildungsroman* pode se afastar do seu empreendimento inicial, na medida em que não mais estaria limitada a uma narrativa que privilegia uma personagem jovem, do sexo masculino, pertencente à classe burguesa, com uma trajetória até o alcance de certo grau de “perfectibilidade” (MAAS, 2001, p. 19). E, de fato, o que acompanhamos em *Ponciá Vicêncio* é a trajetória negra e feminina marcada pela pobreza extrema, pela violência doméstica e pelo trauma colonial.

É interessante destacar ainda, como explica Lins (1979), que o próprio gênero textual romance, “que, no século passado, já se apresentava em desarmonia com o ambiente social predominante, ultrapassou a simples conduta crítica e ingressou em nosso tempo como instrumento de contestação” (LINS, 1979, p. 35). Além disso, “atualmente, já não se considera o romancista como um mero descritor de fenômenos de ordem social e psicológica [...], o que possui interesse é a sua concepção da vida, a sua consciência de classe” (LINS, 1979, p. 37), conduta que, de fato, orienta os escritos assinados por Evaristo.

O que encontramos em *Ponciá Vicêncio* pode ser entendido como fruto, conforme defende Beatriz Sarlo (2007), de uma “guinada subjetiva” que vem ocorrendo há décadas, com início entre as décadas de 1960 e 1970. As mudanças ocorridas no campo da sociologia da cultura e dos estudos culturais culminaram numa espécie de “renovação ideológica” em cujo centro está o sujeito marginalizado, marcado por alguma “anomalia”. Em outras palavras,

restaurou-se a *razão do sujeito*, que foi, há décadas, mera “ideologia” ou “falsa consciência”, discurso que encobria esse depósito escuro de impulsos ou mandatos que o sujeito necessariamente ignorava. Por conseguinte, a história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada (SARLO, 2007, p. 19, grifos da autora).

Diferentemente do “modelo” canônico do romance de formação, em Evaristo são privilegiados os recortes de raça, gênero e classe, que estão intrinsecamente ligados às produções da autora e circundam a vida da protagonista que dá nome ao livro. Para além do pertencimento da obra a uma tradição gestada no Brasil, isto é, a de uma

literatura negro-brasileira, como defendido por Cuti (2010), poderíamos posicioná-la dentro de um *Bildungsroman* negro-brasileiro.

Na obra, Conceição Evaristo registra a trajetória de Ponciá, explorando sua relação com os familiares e suas descobertas sobre si, desde a tenra idade até a vida adulta, perpassando os elementos constituidores de sua identidade. Além disso, é imperativo destacar a presença do racismo, do trauma geracional, da pobreza e da violência de gênero enquanto forças que atravessam a formação da protagonista. *Autonomia, totalidade e harmonia*, peças-chave no processo de formação do jovem Wilhelm, não atuam como elementos constitutivos da trajetória de Ponciá. Na verdade, a todo tempo, o que chamamos de *forças* impossibilita a construção do seu “eu” no mundo.

*Ponciá Vicêncio* pode, pois, integrar-se à categoria de um *Bildungsroman*, isto é, a um romance de formação, embora essa “formação” seja impossibilitada pela “herança” que acomete a trajetória da protagonista. É indispensável, ainda, trazer à discussão o fato de as produções de Conceição Evaristo pertencerem ao segmento da literatura negro-brasileira, sendo estas consideradas contranarrativas, uma vez que “polemizam com o discurso colonial” (DUARTE, 2008, p. 13), os estereótipos dos sujeitos negros e as ações do Estado. Assim, podemos identificar, nas páginas que compõem o romance, a denúncia do racismo, o combate de estigmas que acometem os cidadãos negros e a representação da dinâmica social dos personagens diante do apartamento social. Como afirma Duarte (2006),

a narrativa configura-se como um *Bildungsroman* feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, identidade. No entanto, o ímpeto antropofágico se faz presente na postura de rasurar o modelo europeu para conformá-lo às peculiaridades da matéria representada (DUARTE, 2006, p. 306).

Assim, Evaristo apropria-se do modelo originado na Alemanha, que “ganha contornos paródicos” (DUARTE, 2006, p. 306), já que a personagem Ponciá não traça uma jornada ascendente “da peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo [...], rumo ao autoconhecimento”, conforme bem posto por Lukács (2009, p. 83). Ao contrário,

o que se tem é um percurso de perdas materiais, familiares e culturais [...] E, em lugar da linearidade triunfante do herói romanesco, temos uma narrativa complexa e *entrecortada*, a mesclar de forma tensa passado e presente, *recordação* e *devaneio* (DUARTE, 2006, p. 306-307, grifos nossos).

Destacamos, aqui, a palavra “entrecortada”, sugerida pelo estudioso, como adjetivo adequado à obra de Evaristo, por nos auxiliar na compreensão da matéria autoral. O movimento realizado pelo processo da *escrevivência*, bem como da construção de uma narrativa que se propõe a recuperar as experiências perpassadas pela violência colonial, deverá ter a centralização da memória numa dimensão tanto individual quanto coletiva. A instrumentalização da escrita como enfrentamento da marginalização, dos esquecimentos ou epistemicídios<sup>5</sup> é peça-chave para o entendimento do projeto literário de Evaristo. O que encontramos em *Ponciá Vicêncio*, através da narração em terceira pessoa, não é mero ato de reminiscência, pois, como postulado por Assmann (2011),

uma memória efetiva em presença permanente e ininterrupta contradiz a estrutura da recordação, que é sempre intermitente e necessariamente inclui intervalos de não presença. Não se pode recordar algo presente, o que se faz é corporificar tal coisa. Nesse sentido, pode-se caracterizar o trauma como uma escrita duradoura do corpo, oposta à recordação (ASSMANN, 2011, p. 265).

No romance, a violência colonial é o que identificamos como “escrita duradoura”, sempre presente nos corpos das personagens. A “herança de Vô Vicêncio” constitui-se do extermínio dos povos africanos nas travessias do Atlântico, da desumanização dos corpos negros com a escravização e da imposição da condição de “mercadoria” com o renomear dos sujeitos escravizados. Não há, pois, bens a serem herdados por Ponciá. Ao contrário, mesmo o sobrenome do colonizador é imposto à existência desse corpo negro feminino, deslocado da possibilidade de alcance das potencialidades desde o nascimento.

### **As personagens em *Ponciá Vicêncio***

---

<sup>5</sup> O termo abarca, conforme Boaventura de Sousa Santos (2009), o processo de homogeneização epistêmica em acordo aos propósitos colonialistas. Ou seja, descreve as práticas fundamentadas na assunção de uma pretensa universalidade epistemológica a partir da destruição, inferiorização e deslegitimação de conhecimentos e práticas sociais dos povos colonizados.



Para que seja possível visualizar tais elementos na trajetória de Ponciá Vicêncio, é necessário dividir a narrativa em três momentos: a infância vivida na zona rural; o movimento rumo à cidade; a chegada à vida na favela até o apartar-se de si mesma. Nas linhas iniciais do romance, assim nos é apresentada a protagonista:

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. [...]

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal (EVARISTO, 2017a, p. 13).

Dos fragmentos em questão, convém sublinhar alguns elementos linguísticos. No primeiro parágrafo, destacam-se as palavras “arco-íris” e “calafrio”, que figuram uma relação antiga e simbólica com a personagem, dada a própria crença confirmada no trecho seguinte, também transcrito do primeiro parágrafo: “Diziam que menina que passasse debaixo do arco-íris virava menino. [...] Juntava, então, a saia entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô” (EVARISTO, 2017a, p. 13). É clara a preocupação da moça, durante a infância, em ser, de alguma forma, transformada pelo arco-íris. Entretanto, mais tarde, em um momento já distanciado da infância, outro trecho nos oferece os primeiros indicativos do questionamento de sua condição de menina/mulher negra: “Olhou firmemente o arco-íris pensando que, se virasse homem, que mal teria?” (EVARISTO, 2017a, p. 14).

Além disso, os itens lexicais “recordou” e “medo”, o uso repetidas vezes do verbo “gostava” no pretérito imperfeito e na terceira pessoa, como também o emprego de conjunções e advérbios com valor temporal iniciando os primeiros parágrafos do romance (“quando”; “naquela época”; “naquela tarde”; “o dia em que”) demonstram não apenas uma recordação, mas também um momento aprisionado no passado — quando Ponciá, em sua inocência, vivia feliz, ainda não tocada pela “herança de Vô Vicêncio” (EVARISTO, 2017a, p. 109). De fato, retomando Sarlo (2007),

Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio* (SARLO, 2007, p. 10, grifos da autora).

Em *Ponciá Vicêncio*, passado, presente e futuro confundem-se, uma vez que a narrativa é não linear e se constrói a partir de fragmentos de histórias que pertencem tanto aos mortos quanto aos vivos, emaranhadas ao trauma colonial através das gerações maculadas pelo sobrenome “Vicêncio”. As mudanças que alterarão a forma como Ponciá, ainda menina, percebe a si mesma no mundo já se manifestam na primeira página da obra:

Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até ao chão. Tudo era tão bom. Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até ao céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio (EVARISTO, 2017a, p. 13-14).

Tal trecho nos aponta tanto para a passagem do tempo, quanto para as primeiras mudanças no interior de Ponciá. A mulher de corpo “transparente e vazio”, fruto da imaginação fértil da menina, representa, alegoricamente, uma espécie de manifestação segundo a qual nos é permitido conhecer um futuro ainda não apresentado. Ao saber da visão que a criança tivera, a mãe, assustada, pede que o marido corte o milharal:

E, quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com a esperança de ver a mulher alta e transparente. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta (EVARISTO, 2017a, p. 13).

Alguns parágrafos à frente, somos levados ao presente na narrativa e, nesse momento, constatamos novamente a presença do arco-íris no céu, porém, agora, com uma Ponciá já adulta a olhar pela janela do barraco na cidade, distante de sua terra natal em termos geográficos e temporais:

Naquela tarde, Ponciá Vicêncio olhava o arco-íris e sentia um certo temor. Fazia tempo que ela não via a cobra celeste. Na cidade, depois de tantos anos fora da terra, até esquecia de contemplar o céu. Entretanto, desde cedo, ao acordar com a costumeira angústia no peito, sem querer olhou o céu, como se pedisse a Deus em socorro. Estava, porém, arrependida. Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas (EVARISTO, 2017a, p. 14).

Nesse momento, Ponciá já está modificada pelos acontecimentos em sua vida. A saída de Vila Vicêncio em busca de oportunidades é frustrada pelo afastamento da família, pelo encontro com a miséria e com a fome na cidade, além do regime de trabalho exaustivo ao qual é submetida na tentativa de conseguir condições mínimas de subsistência. A personagem, distante de qualquer ligação afetiva ou de espaço social, traça um caminho rumo à desesperança e, gradualmente, à impossibilidade de autorrealização.

Nas páginas seguintes, o narrador nos apresenta o que podemos compreender como o ponto central do enredo: a herança deixada por Vô Vicêncio para a neta Ponciá, estabelecendo “um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado” (BARBOSA, 2017, p. 113). Também, aqui, salientamos a importância da memória, do legado deixado pelos ancestrais na construção da identidade da protagonista. Vô Vicêncio foi o primeiro homem que a moça conheceu. E, a partir da descrição do personagem, sabemos que:

Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as *marcas* dele. Ela reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio (EVARISTO, 2017a, p. 15, grifo nosso).

Vemos, pois, que o avô da protagonista é descrito como alguém que “andava curvadinho com rosto quase no chão”, o que, de fato, poderíamos associar, num primeiro momento, à idade avançada. Contudo, no decorrer do livro, compreendemos que esse é um gesto de constrangimento, de uma mácula inscrita no corpo negro, uma vez que o homem, desde a infância, fora submetido a trabalhos exaustivos e castigos impostos pela condição de escravizado. Além disso, o detalhe lembrado por Ponciá é o do “braço mutilado pra trás”, e o fato de o ancião rir e chorar rememora as condições miseráveis e degradantes dos negros durante a escravização no Brasil:

No tempo do fato acontecido, como sempre os homens, e muitas mulheres, trabalhavam na terra. [...] Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. [...] Vô Vicêncio com a mulher, os filhos viviam anos e anos nessa lida. [...] Numa noite, o desespero

venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. [...] Estava louco, chorando e rindo (EVARISTO, 2017a, p. 44-45).

A imagem de Vô Vicêncio é uma inscrição no corpo de Ponciá, o que nos leva a entender o motivo pelo qual a figura do velho se faz tão presente na trajetória da personagem. As imagens internalizadas pela moça – isto é, a mácula da escravização negra – não apenas abarcam o plano individual, mas também o coletivo, todos aqueles, direta ou indiretamente, afetados por ela. Em outras palavras, a dor do avô, de maneira alegórica ou não, se faz também a sua.

Um outro personagem presente nas lembranças mais antigas de Ponciá é seu pai, cujo nome não é revelado e de quem a moça pouco se lembrava, pois ele “vivía constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos” (EVARISTO, 2017a, p. 16). Igualmente, tal personagem nos fornece imagens das marcas deixadas pelo processo de escravização no Brasil:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto da sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? (EVARISTO, 2017a, p. 17)

Apesar de ter nascido do “Ventre Livre”, as condições de vida às quais o menino e outros negros estavam submetidos, mesmo após a abolição da escravatura, permaneciam as mesmas. Tais relações faziam a criança questionar o pai sobre o que observava na infância. A resposta foi “uma gargalhada rouca de meio riso e de meio pranto. O homem não encarou o menino. Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre” (EVARISTO, 2017a, p. 17). Tal comportamento de Vô Vicêncio é repetido, também, por Ponciá, no futuro, reiterando o papel de destaque da memória dos antepassados escravizados na construção das identidades negras: “A questão da identidade é uma questão política. [...] A categoria identidade é efetivamente importante para

compreendermos como o indivíduo se constitui, influencia sua autoestima e sua maneira de existir” (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 261).

Com certa frequência, o título de um romance nos oferece um forte indicativo do ponto central ou do protagonismo de uma narrativa. Tal é o caso de obras como *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, ou *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e mesmo *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Aqui, contrariamente, embora a personagem Ponciá seja aquela a protagonizar a trama, no sentido estrito da palavra, vemos que ela, principalmente quando levamos em consideração o gênero da narrativa de Conceição, não se apresenta como um sujeito ativo dentro de sua própria trajetória. Isso nos remete às palavras de Lélia González sobre o processo imposto aos corpos negros femininos:

nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história (GONZÁLEZ, 2020, p. 128).

A formação identitária de mulheres negras, núcleo do qual faz parte Ponciá, é, antes de tudo, atravessada por forças que, se não imobilizam, deformam as etapas formativas desses sujeitos. É essencial que consideremos o passado histórico marcado pela desumanização e pela impossibilidade da criação de identidades sociais (cf. NOGUEIRA, 1999), pois a escravização não apenas funcionou como instituição atuante na mercantilização dos corpos negros femininos, como também os relegou, através de condutas supostamente científicas, antiéticas e violentas (como, por exemplo, com a prática do *droit du seigneur*)<sup>6</sup>, a supostas “tendências naturais” ditadas pela sua fisiologia, além de determinados papéis sociais.

No romance de Conceição Evaristo, ainda na infância da personagem percebemos sua dificuldade em se reconhecer como indivíduo, uma vez que mesmo seu nome lhe era completamente estranho. Através de suas recordações, constatamos o

---

<sup>6</sup> *Droit du seigneur* ou “direito do senhor”, aqui, relaciona-se ao estupro sistêmico de mulheres negras escravizadas durante o período colonial, como bem reportado por Toni Morrison (2017) em *A origem dos outros*.

hábito de ir ao rio, tal qual Narciso<sup>7</sup>, fazendo das águas um espelho. Porém, ao contrário do personagem do mito grego, a menina não se apaixonara por si. Aliás, sequer ouve em si o nome que lhe foi dado, nem reconhece uma das manifestações de sua localização como sujeito no mundo.

Quando mais nova, sonhara até um novo nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir até a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (EVARISTO, 2017a, p. 17).

A justificativa para a não identificação da menina com seu próprio nome está no sobrenome carregado tanto por Ponciá, quanto pelos integrantes de seu núcleo familiar:

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô [...]. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal Coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos da terra e dos homens (EVARISTO, 2017a, p. 26-27).

A própria Vila Vicêncio, conjunto de terras no qual a protagonista viveu durante toda a sua infância, é, ao que parece, uma localidade fortemente marcada pela presença das oligarquias rurais, fruto do processo de escravização no Brasil a partir do século XVI. E mesmo o terreno em que se localizava a casa de pau a pique onde morava com sua família é descrito como “presente” antigo do Coronel Vicêncio, para que os negros libertos pudessem construir suas casas e plantar alimento. Assim, todas as memórias de Ponciá, desde o legado de seus antepassados africanos e a lembrança dos seus familiares próximos, até o seu próprio sobrenome, são perpassadas pelas chagas da escravização. A história dos sofrimentos da coletividade jaz sobre a existência da protagonista, e seu nome era “uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo” (EVARISTO, 2017a, p. 26). Desse modo, Conceição Evaristo narra em sua obra a inevitabilidade dos fatos sociais, dando-lhes um caráter místico, ao descrever a semelhança física e comportamental entre

---

<sup>7</sup> Na mitologia grega, Narciso apaixona-se pelo próprio reflexo ao olhar as águas de um rio. O mito é amplamente utilizado para a elaboração de conceitos nas áreas da psicologia, filosofia, literatura.

a protagonista e seu avô, a quem nem mesmo chegou a conhecer, mas cuja presença é evocada nos primeiros passos de Ponciá:

O dia em que Ponciá Vicêncio desceu do colo da mãe e começou a andar causou uma grande surpresa. [...] Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? (EVARISTO, 2017a, p. 15-16).

Em diversos momentos da narrativa, notamos repetidamente a menção a uma “herança” deixada por Vô Vicêncio para a menina. O pai de Ponciá, por exemplo, não se aflige quando a esposa lhe entrega uma escultura do velho Vicêncio, feita em barro pelas próprias mãos da protagonista. Confirmando a inevitabilidade do destino, o homem “chamou a menina entregando-lhe o que era dela. [...] Aquilo era uma obra de Ponciá Vicêncio, para ela mesma” (EVARISTO, 2017a, p. 21). Esse momento da narrativa se relaciona a uma espécie de recurso próprio da “contação de histórias”, aproximando Ponciá ao destino selado ainda no ventre.

Mais tarde, já adulta, Ponciá deixa sua terra e parte em direção à cidade. Lá se depara com inúmeros contrastes, advindos das diferenças socioeconômicas. Ao entrar na igreja, percebe como esta é diferente daquela conhecida em sua vila. Ali, os santos eram lustrosos e limpos, enquanto “os de lá eram mingudinhos e mal vestidos como todo mundo” (EVARISTO, 2017a, p. 31). Ao olhar as pessoas ali presentes, percebe-as “limpas e com terços brilhantes nas mãos” (EVARISTO, 2017a, p. 32).

Nesse ponto, Ponciá parece ter um momento do que considera felicidade, pois se adaptou rápido ao trabalho como doméstica, e assim acredita ser capaz de conseguir a quantia de dinheiro necessária para comprar uma casa e buscar sua família: “Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. [...] A vida lhe parecia possível e fácil” (EVARISTO, 2017a, p. 39). Porém, logo tais sentimentos darão lugar a outros, pois tudo o que foi fundado na esperança se perderá ao longo das páginas. A moça, então, volta à sua terra natal na tentativa de reencontrar a família deixada para trás, em busca de melhores condições de vida. Contudo, não os encontra e retorna à cidade, tornando-se “mais estranha ainda” (EVARISTO, 2017, p. 56), tomada pelo remorso do abandono de seus familiares numa casa que, agora, como ela mesma, estava vazia. A protagonista, a partir de então, cada vez mais está distanciada de si. A morte do pai, a vida miserável na

cidade, a perda de sete filhos (natimortos) e o barraco do qual nunca conseguiu sair servem como causas para seu alheamento da vida, tal como acontecera ao avô:

Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora, enquanto ia e vinha no tempo cá dentro de seu recordar (EVARISTO, 2017a, p. 48).

Ponciá não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre um outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela? Não sabia se dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de autoausência (EVARISTO, 2017a, p. 77-78).

Nos últimos momentos do percurso traçado, a personagem fica cada vez mais perturbada, andando “em círculos dentro do pequeno espaço do barraco. Falava muito sozinha, ora chorava, ora ria. Pedia barro, queria voltar ao rio” (EVARISTO, 2017a, p. 104). E, aqui, destacam-se o barro e o rio, ambos carregados de significados na narrativa.

O barro está muito presente em diversos momentos da história, pois é na arte da cerâmica — ofício herdado da mãe — que a personagem primeiro modela, com as próprias mãos, num gesto bastante simbólico, um vô Vicêncio feito de barro. É também algo cheirando a barro que lhe arde entre os dedos, já de volta à casa da patroa, após a ida à terra natal. Não por acaso são os objetos feitos de tal material, moldados por Ponciá e sua mãe, que fazem com que Luandi Vicêncio (irmão de Ponciá) reveja algo das duas antes mesmo de reencontrá-las tempos depois. Nesse momento, entra em cena o fenômeno do sincretismo, relativo à temática<sup>8</sup> nas literaturas afro-brasileiras ou negro-brasileiras. Em outras palavras, é clara a apropriação da narrativa da gênese da mitologia cristã na construção da trajetória da personagem Ponciá. Alguns trechos da Bíblia possibilitam o entendimento do movimento realizado por Evaristo:

O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida (Gn, 2, 7).  
Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e em pó te hás de tornar (Gn, 3, 19).

---

<sup>8</sup> No artigo “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”, Eduardo de Assis Duarte (2008) defende a existência de “constantes discursivas”, ou seja, dos aspectos configuradores de uma literatura “afro-brasileira”. Dentre as constantes — autoria, temática, público, ponto de vista e linguagem —, destacamos a temática. Esta se refere também aos costumes relativos à cultura e à religião trazidas para o país e, igualmente, a um imaginário tocado pelo sincretismo, com a mescla de elementos das religiões de matriz africana e da tradição judaico-cristã.



No livro de Gênesis, o primeiro da Bíblia cristã, é no solo (podendo ser lido também como “barro” ou “pó da terra”) que está o material utilizado para a criação do corpo do primeiro ser humano, e é também nele que está o fim da vida terrena. Já na narrativa de Evaristo, o barro é o que faz a menina ir ao rio no início da história e, posteriormente, já mulher, adentrar as águas. No capítulo final, ao deparar-se com Ponciá nas águas do rio, Luandi rememora: “Desde pequena trabalhava tão bem o barro, tinha as artes de modelar a terra bruta nas mãos” (EVARISTO, 2017a, p. 107). Assim, é também esse o meio pelo qual “o corpo feito de ausências de Ponciá se recupera na arte da cerâmica, reatando no barro moldado o fio da existência” (DUARTE, 2006, p. 307).

Já o rio, sempre conectado ao barro, reserva a Ponciá seus ritos de passagem, pois, desde a infância, ia até a sua beira, fazendo-o de seu espelho, gritando o seu nome e procurando por si mesma, como se pertencesse àquele lugar. Tal afirmação se confirmará no desejo da moça de voltar ao local: “depois de tantos anos recolhida, enterrada, morta-viva dentro de casa, Ponciá Vicêncio sorriu, gargalhou, chorou, dizendo que sabia o que devia fazer. Ia tomar o trem, voltar ao povoado, voltar ao rio” (EVARISTO, 2017a, p. 104). Em seguida, dá-se o encontro de Ponciá Vicêncio com sua família, a mãe Maria e o irmão Luandi. Ambos sabiam, naquele momento, que a herança de Vô Vicêncio por ela aguardada, antes mesmo de nascer, agora se cumpria:

O tempo pedia, era hora de encontrar a filha e levá-la novamente ao rio. [...] O tempo indo e vindo. E neste ir e vir, Ponciá voltava para ela. Para ela, não! A menina nunca tinha sido dela. Voltava para o rio, para as águas-mãe. A filha nunca lhe coube, nem no tempo em que estava prenhe dela. [...] Uma manhã, Maria Vicêncio acordou ouvindo choro de criança. [...] O choro vinha de dentro dela. [...] Caminhou intuitivamente para o rio e à medida que se adentrava nas águas, a dor experimentada pela filha se fazia ouvir de uma maneira mais calma (EVARISTO, 2017a, p. 107-108).

Após as recordações de Maria Vicêncio, somos conduzidos ao momento em que Ponciá já se encontra em sua terra natal, perto do rio. Aí, tal como ocorre durante toda a narrativa, a personagem não está perdida ou em estado de letargia. Ao contrário, andando em círculos, chora, ri e executa movimentos ritmados, o que nos remete às cerimônias próprias das religiões de matriz africana<sup>9</sup>, dando ao feito um caráter ritualístico. Nesse momento, as mãos se movimentam:

---

<sup>9</sup> O termo “matriz africana” refere-se a religiões como Umbanda e Candomblé, além de outras manifestações originadas em terras brasileiras como Jarê, Tambor de Mina e Batuque.

como se (ela) estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. [...] E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. [...] Andava como se quisesse emendar um tempo a outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de-vir (EVARISTO, 2017, p. 110-111).

Por fim, nas linhas que encerram a trajetória da moça, mais uma vez está presente o arco-íris, conectando o fim ao início da estória e reafirmando sua lógica circular. Então, Ponciá Vicêncio, “elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio” (EVARISTO, 2017a, p. 111). O retorno ao rio, à cidade natal, está em conformidade com a vida de miséria da qual os seus ancestrais não conseguiram escapar. Diferentemente, há, aqui, a ruptura com a herança de Vô Vicêncio — uma vez que Ponciá contém em si todo o trauma geracional, a inscrição nos corpos dos seus — e, em consequência, vigora a redenção dos seus através do desfecho absoluto nas águas do rio, a morte.

### **Considerações finais**

Tratamos o romance *Ponciá Vicêncio* como *Bildungsroman*, por seu enredo apresentar como ponto central o processo de *formação* da personagem e sua constituição psicológica, física, moral, social. De fato, todas essas características estão marcadas na trajetória da personagem construída por Evaristo. No entanto, cabe destacar, mais uma vez, os recortes privilegiados pela escritora: a existência de um corpo negro feminino e de um projeto político-literário voltado à denúncia das forças que subalternizam a população diaspórica.

Ao posicionarmos a obra, um romance de formação por excelência, sob o guarda-chuva da literatura negro-brasileira, afirmamos tanto as mudanças nos paradigmas de representação e de criação literária fundados pela tradição iniciada no século XVIII, como previsto por Assmann (2011), bem como a possibilidade de apropriação do gênero *Bildungsroman* para fins que comportam as transformações sociais. Como afirma Mirian Cristina dos Santos (2018), “trazer o corpo negro para a literatura brasileira enquanto proposta política requer revisitar de forma crítica histórias das diferenças e das desigualdades” (2018, p. 125). A articulação dos elementos do *Bildungsroman* com a formação identitária da personagem Ponciá Vicêncio em sua

trajetória “entrecortada”, no dizer de Duarte (2006), implica destacar, no romance homônimo de Conceição Evaristo, a importância da memória, do trauma e das inscrições corpóreas.

Ponciá, como pudemos notar, figura como uma alegoria de dores, sofrimentos e perdas pelos quais passaram os antepassados africanos e negros brasileiros, desde a travessia sob condições desumanas dos vindos de diversas partes de África nos porões dos navios tumbeiros, perpassando a escravização, até as ilhas de miséria e desigualdade social na contemporaneidade. No romance de Conceição Evaristo, o caso particular é representativo do todo, uma vez que Ponciá carrega em si as diversas histórias perdidas no tempo: do passado, do presente e do futuro ainda não escrito. Nas palavras da autora: “Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegaram de um outro tempo-espaço” (EVARISTO, 2017a, p. 108).

Dessa maneira, identificamos dois elementos centrais na construção da narrativa: a *memória* e o *tempo*. O primeiro, por se apresentar como uma espécie de fio invisível que liga os mortos aos vivos, nos remete à importância de uma presença ancestral comum nas “tradições culturais ou religiosas (africanas) transplantadas para o Brasil” (DUARTE, 2008, p. 13), conduzindo a própria história. Já o segundo se mostra uma espécie de força imaterial conectando o início ao fim da história, os acontecimentos passados com os do presente, recuperando a memória da escravização e as suas consequências na vida dos personagens a partir de uma lógica circular.

Neste trabalho, não pretendemos, de forma alguma, esgotar a análise do romance *Ponciá Vicêncio*. Ao contrário, manifestam-se aqui possibilidades de leitura, assim como potencialidades propulsadas pela interpretação da obra, com vistas a discussões de raça, gênero e classe no contexto de um *Bildungsroman* ou, mais precisamente, de um romance de formação da literatura negro-brasileira contemporânea. Ademais, tanto a autoria quanto pontos de vista negros – elementos, por assim dizer, extratextuais, mas que se mostram alicerces da literatura negro-brasileira – atuam na evidência das discussões de caráter decolonial e abrem muitas possibilidades para o campo da crítica literária.

## Referências

- AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 1999.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*. Formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BARBOSA, Maria José. Posfácio. In: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 113-118.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 1992.
- CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assinada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira: consciência em debate*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-308, jan./abr. 2006.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, UnB, n. 31, p. 11-23, jan./jun. 2008.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Apresentação: A cor da literatura. In: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XIII ao XXI*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020, p. 10-16.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.
- EVARISTO, Conceição. Tudo que eu escrevo é profundamente marcado pela condição de mulher negra. Entrevista concedida a Lucas Vasquez. *Fórum*, Cultura, 30 set. 2017b. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/2017/9/30/conceio-evaristo-tudo-que-eu-escrevo-pr-ofundamente-marcado-pela-condio-de-mulher-negra-23311.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. *Itaú Social*, 9 nov. 2020. Entrevista concedida a Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LINS, Ronaldo Lima. Arte e sociedade: fundamentos e posições de uma ciência crítica. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 59, p. 23-38, out./ dez. 1979.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2009.

MAAS, Wilma Patricia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MAZZARI, Marcus Vinicius. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*: “um magnífico arco-íris” na história do romance. *Literatura e Sociedade*, v. 23, n. 27, p. 12-30, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148532>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XIII, n. 135, p. 40-45, nov. 1999.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Recebido em 14/05/2023

Aceito em 18/07/2023